

“SANGUE NO TANOÁ” ... OU O APELO DO GRANDE OCEANO

Eric Waddell

RESUMO: *Se plaçant dans une perspective géopoétique, l’auteur conteste d’abord le discours triomphaliste de l’Occident concernant les voyages de découverte afin de proposer un trajet donnant accès à la parole des vaincus, en l’occurrence à celle des peuples du Pacifique et en particulier, à ceux de Mélanésie. Ce faisant, il met en lumière l’opposition, non seulement économique, mais aussi spirituelle. Se plaçant dans une perspective géopoétique, l’auteur conteste d’abord le discours triomphaliste de l’Occident concernant les voyages de découverte afin de proposer un trajet donnant accès à la parole des vaincus en s’appuyant entre autres sur des textes de poètes du Pacifique et sur le travail de Joël Bonnemaïson au sujet des habitants de Tanna.*

PALAVRAS-CHAVE: geopoética, descoberta, Ocidente, opressão, enraizamento, tradição.

*Pertenço ao campo dos vencidos. O
vencido é o único
que sabe realmente o que aconteceu. Ele
passou por*

Eric Waddell é chefe da Escola de Geociências e professor na Universidade de Sydney, Austrália.

*uma prova que leva à sabedoria. O
vencedor, este é
um cego que acabará em Santa-Helena
tentando
ajeitar seu personagem.
Alvaro Mutis¹*

*Enquanto nós [havaianos] conservarmos
as chaves
dos tesouros de nossos templos,
garantiremos
toda nossa riqueza espiritual. Se dermos
essas chaves
a haoles [estrangeiros, brancos]
indiscretos, eles
tomarão conta de nosso conhecimento
para fazer
de nós uns pobres. O que nós sabemos e
que eles
ignoram, eis a única coisa que nos resta.
Anônimo (Havaí)*

Pensamos freqüentemente*, em geopoética, sobre “essa estranha doença da vida moderna”. Sobre esse desejo louco de querer controlar o mundo e sobre nossa incapacidade crônica de avaliar o alcance de nossos gestos. Sobre essa corrida louca rumo a um futuro quimérico e sobre nossa incapacidade de entender um passado que invariavelmente nos interpela. Sobre nossos conhecimentos íntimos de todos os povos, de todas as “naturezas” da Terra, e sobre nossa recusa ao menor diálogo com forças, experiências e sentimentos que ameaçam a edificação dessa incrível linha reta feita de concreto armado e de espíritos presos em armaduras de ferro. Sobre nosso saber imenso e sobre nossa profunda cegueira...

É claro que paramos brevemente em 1992. O tempo de celebrar ou de chorar a chegada de Cristóvão Colombo à América. Mas não refletimos muito e, ademais, de qualquer maneira, cinco séculos se passaram desde esse acontecimento fatídico. Uma eternidade.

Cook é para o pacífico o que Colombo é para a América: irrupção do Ocidente sobre uma vasta face do globo terrestre, seguido do desabamento de tantas certezas, perda de autonomia – tanto espiritual quanto política e econômica –, fim de uma multiplicidade de civilizações e morte de um sem-número de pessoas. São acontecimentos que se repetiram mi-

¹Citado em Max GALLO, 1992, p. 28.

*Tradução de Altair Martins, Bacharelado em Letras, UFRGS; revisão de tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard, Instituto de Letras, UFRGS. A versão original foi publicada em “Cahiers de géopoétique”, Trébeurden e Paris, n. 5, outono de 1996.

lhares de vezes desde a chegada no navegador britânico ao Taiti, em 1769, evoluindo progressivamente de leste a oeste, através do Grande Oceano, para atingir, na aurora da minha própria vida adulta, as Altas Terras da Nova Guiné.

Foi aí, há cerca de três décadas, nessas montanhas ao extremo oeste do Pacífico, que a viagem começada por Colombo terminou e que a Europa finalmente cumpriu sua missão – a “ocidentalização” do mundo. Eu estava nessa última fronteira, como testemunha, figurante e agente, mas também como ser humano que vibrava com suas próprias emoções na ocasião do estabelecimento dessa nova Ordem. Por isso procurei, nas páginas que seguem, exprimir como foi que eu e alguns outros pesquisadores de passagem, bem como as pessoas do Pacífico – nossos anfitriões, nossos amigos, e aqueles e aquelas com os quais partilhamos nosso cotidiano durante tantos anos –, acabamos vivendo e ainda vivemos essa experiência tão marcante. É essa, aliás, a importância capital dessas ilhas e de seus habitantes, já que o Grande Oceano está em condições de nos entregar a mensagem que foi soterrada sob cinco séculos de silêncio na América. 1492 foi ontem na Melanésia. A ferida é recente; a memória, viva.

*

A descoberta..., o encontro..., o desencravamento do mundo! Quantos sofismas, quantas representações malévolas da História desde o advento do Ocidente. E como, entretanto, dizer, ver, viver as coisas de outra forma, já que fazemos todos parte, doravante, dessa mesma e única Ordem que arrebentou como uma onda sobre o planeta? Como esses terríveis *tsunamis* que atravessam o Grande Oceano a velocidades siderais e que seduzem por seu poder sobrenatural, atraindo-nos à praia para vê-los chegando, e em seguida nos levar no seu turbilhão.

O encontro tornou-se pretexto para celebrar a viagem:

Cristóvão Colombo fez a mais notável das viagens, aquela que pôs em contato para sempre os dois mundos. Desde então, a aventura humana nunca mais deixou de ser marcada pelo sonho da passagem, a princípio entre territórios diferentes e, depois rumo ao infinito. A essência da descoberta foi também a essência da viagem. Até 1492, raros foram aqueles que ousaram ultrapassar as fronteiras do isolamento no qual vivia o planeta. O mundo era bem pequeno e extremamente fragmentado. A travessia tornou-se, desde então, o paradigma do conhecimento. E assim foi ocorrendo ao longo desses cinco séculos... As embarcações são diferentes, mas a tripulação é a mesma. O fim da viagem? Não existe: a viagem é infinita. (BASSETS, 1992, p. 20-24).

Quero me inscrever com uma firmeza absoluta contra essa ditadura do pensamento, essa esmagadora autoridade ocidental. Camuflar as extraordinárias odisséias e as viagens de descobertas dos povos do Pacífico, afogar Hiri sob os rolos do Grande Oceano e içar Colombo sobre todos os mastros do Atlântico é soterrar milhares de viagens sob as velas tremulantes de uma só travessia, é recusar as histórias de todos os povos para impor a de uma única civilização.

Se esse oceano ousasse enviar uma só mensagem ao Ocidente triunfalista, ele anunciaria que *a viagem está agora terminada*. As últimas ondas de uma civilização que se tornou mundial quebraram, há cerca de três décadas, sobre as paisagens mágicas das Altas Terras da Papua-Nova Guiné, esmagando tudo pelo seu caminho e transformando essa grande região em “um lugar com um potencial infinito e sem esperança”.

O que resta agora a empreender é a viagem de retorno, um pouco ao estilo Kerouac. Uma viagem que nos obriga a deixar para trás os peritos em desenvolvimento internacional, a classe política da *famiglia* dos Estados-Nações, as sociedades minerais e florestais transnacionais, sozinhas a fazer seu trabalho sujo.

Chegando a Big Sur, na costa californiana, Kerouac escreve: “eis-me no fim da América – fim da terra – e agora eu não podia ir à parte alguma, a não ser fazer o caminho de volta” (KEROUAC, 1957).

Que contraste com Balboa que, desde o istmo do Panamá, alguns séculos antes, via o “Grande Mar del Sur” pela primeira vez e dizia provavelmente a si mesmo que as riquezas do Oriente e da grande *Terra Australis Incognita* estavam de agora em diante ao alcance das mãos!

Naim Kattan, escritor canadense de origem judaica e iraquiana, formulava assim seu pensamento diante da atitude americana: Kerouac foi um dos primeiros a ter indicado o limite do espaço e o termo do périplo. Alcançou-se a ponta do continente e nada se encontrou. O caminho de volta não pode conduzir nem a uma liberdade fora de alcance nem a um retorno à inocência, uma vez que a juventude, também ela, chegou ao seu termo. Que fica? A maturidade? Uma sabedoria? (KATTAN, 1972, p. XXIX).

Experimentamos então fazer o caminho de volta – nós, os ocidentais do fim do século XX – um pouco como Jack, iniciando uma “viagem interior”, mas, sobretudo, lançando um olhar constante para trás, sobre os vencidos, aqueles que havíamos chamado inicialmente de “Índios” do Pacífico.

Essa atitude é tanto mais importante, porque os povos do Pacífico, e sobretudo aqueles da Melanésia, podem ainda exercer escolhas, já que o choque da presença branca remonta apenas de ontem. Talvez os

oceânicos tenham novamente a possibilidade de viver de outra forma, já que vivem, assim espero ao menos, uma época um pouco mais generosa, um pouco mais lúcida.

Venho me questionando sobre tudo isso há tempos...

Queria, desde minha adolescência, transpor o limite. Passar para o outro lado. Deixar tudo pra trás. Mas nunca consegui. Ah sim, quase. Em Papua-Nova Guiné, em meados dos anos sessenta, com os engas das Altas Terras. Era um povo que mal começava a conhecer os benefícios da economia de mercado e os prazeres da cristandade. Pessoas que viviam ainda no estado “puro” – descobertas nos anos cinquenta e transformadas, um decênio mais tarde, em objeto de grande cobiça de numerosos grupos missionários. Recém-pacificados, alguns felizes eleitos estreavam nos bancos da escola e da igreja e conheciam igualmente o trabalho assalariado e as ausências prolongadas nas plantações da costa.

Mas não me era possível, ainda que com os engas, perder-me do passado e abandoná-lo. E isso ocorria não unicamente por razões pessoais, mas pelo fato de eu ser parte integrante das engrenagens desse Ocidente de que eu tanto queria fugir. Eu era, devido à minha presença entre eles, um dos precursores das coisas vindouras. De tantos acontecimentos trágicos: a bebida, a violência conjugal, a ridicularização das tradições², a vergonha... e a miséria. Eu trabalhava inconscientemente para favorecer a explosão em mil pedaços de uma civilização inteira, no próprio nome da sacrossanta Civilização e do Progresso que ela espalhava pelo mundo.

Quase esqueci. Um amigo antropólogo da época foi mais longe que eu. Além da “Última Fronteira” (como diziam os administradores coloniais australianos). Ele passou brevemente para o outro lado e penetrou no “Derradeiro Desconhecido”, à procura da matéria-prima de uma tese de doutorado. No entanto ele viveu a experiência muito dolorosamente e retornou, antes de mais nada, decepcionado com sua estadia. Lyle estava louco, efetivamente, pela etnociência – campo intelectual bastante em moda na época. Desejava ardentemente conhecer os sistemas de classificação, as taxonomias, enfim, a maneira de estruturar o universo de pessoas que não conheciam absolutamente nada do Ocidente e que, além disso, estavam apartadas de qualquer outra “civilização”. Lyle acabou por achar um povo assim, a dois dias de caminhada do último posto avançado da administração colonial australiana. Era gente que vivia na floresta tropical, a média altitude. Suas extensas famílias habitavam casas instaladas nas árvores, a

²No momento em que escrevo essas palavras, no hotel Rossi, Port Vila (Vanuatu), vejo da minha janela uma fileira de deuses, “encostados” inutilmente nas paredes externas do Centro Cultural de Vanuatu – cada qual sangrando, como Jesus Cristo na Cruz – com a etiqueta “Black Palm VT15000” pregada ridiculamente ao queixo.

uma ou duas horas de caminhada uma da outra.

Que achado! Exceto pelo fato de que esses seres não queriam saber nada dele. Nem de suas preciosas caixas de fósforo (a melhor garantia de sedução) que tão rapidamente se tornavam inutilizáveis, tal a umidade do lugar; nem de sua obsessão de sempre querer questionar, de sempre querer conhecer o que era evidente e sobretudo de tomar notas sem parar. Cada vez que o coitado sacava o bloquinho e a caneta, seus “informantes” se levantavam e desapareciam de pronto.

Para aceitar esse desafio inesperado, ele devia constantemente perseguir as pessoas, enquanto tinha cuidado de dissimular seu precioso (e minúsculo) bloquinho na palma da mão. E enquanto evitava cuidadosamente olhar o que escrevia para não se entregar. Uma vez tomadas as notas, ele escondia tudo furtivamente no punho da manga.

Pobre homem! Partiu de lá gago, com algumas pequenas folhas de notas largamente manchadas pela chuva e completamente ilegíveis. Terminou por redigir uma tese magra e insignificante – precedida de numerosas escusas à guisa de explicações – para em seguida cair no esquecimento antropológico.

Mas, verdade seja dita, ele era incrivelmente sortudo. Ninguém poderia viver tal experiência hoje. A sedução ocidental é muito poderosa, a técnica muito forte, o desenvolvimento econômico muito universal³. Se ao menos ele soubesse! ... Infelizmente ele não compreendia. Nem mesmo viver essa experiência iniciática entre os “seus”, preferindo antes o vai-e-vem constante entre a “civilização” e o sertão, estilo Grande Explorador, de tanto que ele se entediava entre esses papuásios “desprovidos de tudo”.

Como dizia um outro antropólogo que participava dessa mesma corrida em busca do Homem Primitivo: “sobre o que você quer que eu discuta com eles? Não se pode nem mesmo falar do último programa de música clássica na Rádio Austrália!”.

Sim, eu teria podido, talvez, viver uma luazinha de mel com meus anfitriões do clã Aruni, magnificamente instalados sobre os desfiladeiros do vale do rio Lai. Todo o tempo, eles me ofereciam: mulher, terra, casa... Perspectiva de integração total e sem dor no seio da comunidade.

Por que desejavam tanto que eu ficasse com eles? Talvez porque quisessem encontrar a resposta à pergunta que um velho caçador de cabe-

³Creio mesmo que a lembrança desse outro tempo está prestes a desaparecer, tão rapidamente quanto um pôr-do-sol no horizonte tropical. Aqui no Clube Naitasi, na ilha Malolo, ao lago de Viti Levu (Fiji), não há nem mesmo a sombra de uma piroga oceânica. Enquanto isso, a cultura fijiana parece estar reduzida a esses pobres “Bula!” proferidos estupidamente (e evidentemente sem resposta possível) toda vez que um empregado insular cruza com um turista neozelandês.

ças não parava de me fazer desde minha irrupção no seu universo, tamanha a sua perplexidade e seu sentimento de impotência diante do desenrolar dos acontecimentos.

Ele vinha regularmente à minha cabana para se instalar tranqüilamente no chão, saborear o silêncio e mexer no fogo que não devia se apagar nunca. E depois, enquanto examinava constantemente com sua mão um dos pés de minha única cadeira, ele me fazia a mesma questão lancinante: “Por que vocês, os brancos (para dizer a verdade, os vermelhos, que era assim que eles nos nomeavam e nos descreviam), vieram para junto de nós? Que querem de fato?”.

Eu era jovem e ingênuo, não tinha resposta para lhe dar. Somente sentimentos. O sentimento de ser testemunha de alguma coisa de bonito e mágico. Mas terrivelmente frágil. Eu vivia de maneira provisória no seio de um povo relativamente intacto e profundamente orgulhoso. Um povo que habitava o centro do mundo. Seu mundo. Ademais, isso que se convém chamar de primeiros anos de “contato” trazia uma dimensão nova à vida de meus anfitriões. Eles não viviam mais com medo; o medo de ser abatido a todo instante por um inimigo que os cercava por todos os lados, o medo de correr constantemente o risco de sofrer uma morte atroz e inútil. Afinal de contas, vivíamos todos, durante esses preciosos anos, “a idade do ouro” desse lugar: esses poucos anos frágeis, suspensos entre o fim do primitivismo feroz e o início do capitalismo selvagem. Uma espécie de estado de graça que, com o passar do tempo, assemelhava-se tanto com o desabrochar de uma flor tão bela, tão frágil e... envenenada.

Claro, eu experimentava às vezes a pequenez do universo deles e eu tremia em silêncio diante do rolo compressor da conformidade que se impunha a eles no momento da passagem à vida adulta. A impotência igualmente em face das numerosas doenças que os espreitavam. Mas eram poucas coisas se comparadas a todos aqueles missionários que rondavam no horizonte e que lutavam tão viciosamente entre eles, na corrida da conquista das almas. Com efeito, era pouco diante das transformações econômicas e políticas que se perfilavam no horizonte: a produção, instável e fora de qualquer controle, do café, do pítetro, dos produtos coloniais para mercados longínquos; a integração obrigatória no cerne da máquina do Estado – as novas estruturas de poder, os recenseamentos e os relatórios regulares produzidos pelos jovens *oficiais de patrulha* australianos, pequenos caubóis ignaros e provavelmente machistas que exerciam um poder inútil sobre aquela fronteira instável; e sobretudo o trabalho semanal obrigatório (e não remunerado!) nas estradas e pistas de aterrissagem – vias de penetração, por excelência, da nova ordem.

Eu começava a compreender.

Mais tarde, e mais longe ainda nas montanhas, no extremo limite da presença branca, um outro velho vinha me fazer refletir. Ele achava de fato lamentável, explicará, que não tivéssemos vindo diretamente até ele da capital papuásia (Porto Moresby) ao invés de ter passado inicialmente por outros tantos centros secundários (Mount Hagen, Wapenamanda, Wabag, Laiagam...). Bom geógrafo aquele homem. Sabia claramente o que queria dizer “centro” e “periferia”, formulando assim um sentimento de impotência não equivocado que ia ser mais especificado na pequena ilha de Buka, ao largo da Grande Terra:

Um dia, já faz muito tempo, um homem estava pronto para pescar no recife quando percebeu algo ao largo. Aquilo tinha o ar de uma ilha, mas se movia. Ele correu imediatamente à praia, gritando “uma ilha vem chegando”. O povo se aglomerou na praia para ver um barco a velas se aproximar e lançar âncora perto do recife. Os habitantes da tal ilha vieram à terra, e nossa ilha-universo deixou de existir. O mundo se fragmentou e nossa ilha virou um posto de uma fronteira avançada, bastante isolado, do Território da Papua-Nova Guiné (...), o derradeiro lugar numa região com poucos centros e muito distanciamento (LUANA, 1969, p. 15).

Mas estou pulando etapas. Voltemos ao meu velho interlocutor perplexo.

Em relação aos outros brancos, eu acreditava então, com toda a minha inocência, que eu não queria nada dos engas. Nem a alma deles, nem a terra, nem suas forças produtivas. Eu me acreditava puro, à sombra de um Albert Camus por quem eu tinha uma admiração sem limites.

Não cheguei até a escrever no prefácio da minha tese de doutorado que, em relação aos outros ocidentais que trabalhavam nas Altas Terras, eu era o único que nada pedia deles, exceto compreendê-los, saber o modo como eles controlavam o mundo. Foi isso que me levou a escrever a seguinte dedicatória:

“A todos aqueles que, entre nós, vivem em harmonia com a natureza”.

Em quinze meses, graças à colaboração e à transparência dos engas, eu compreendia tudo... e novamente parti. Respondi ao chamado de minha universidade australiana para transcrever todo esse novo saber para o papel e difundi-lo largamente, para a imensa satisfação da comunidade científica internacional.

Em verdade, parti sem peso algum no coração. Eu tinha gostado intensamente da minha estadia com os engas e isso me marcou profundamente.

Em boa parte, é de lá que vem meu respeito profundo em relação a outras maneiras de viver nesta Terra. Mas eu devia, dali em diante, res-

peitar tais pessoas a distância, conservá-las somente na memória, ficando com isso convencido da pureza de minha experiência vivida no seio de um mundo que eu sabia estar em vias de mergulhar tragicamente na desordem e no “cada-um-por-si”.

Após um tempo, terminei por me dizer, como tantos outros “pesquisadores de campo”, que eu era diferente “deles”, que havia um mundo que nos separava. Uma vez feita essa confissão, era absolutamente necessário que eu voltasse para os meus – para falar de Marcuse, ver cinema de repertório, beber *capuccino*... e compartilhar minhas experiências.

Entretanto, voltei a estar com os engas seis anos mais tarde. Sem aviso prévio. Eu estava terrivelmente inquieto. Eu não sabia de jeito nenhum o que esperar.

Que experiência intrigante! Passada a surpresa inicial, nós nos atiramos uns nos braços dos outros, para sentir, vibrar, rir e chorar de alegria. E em seguida, pusemo-nos a tagarelar. Era necessário saber as novidades, todas as novidades, nascimentos, mortes, casamentos, partidas. E foi então que compreendi que fazíamos parte de uma única e mesma família, com as mesmas alegrias e mesmas dores e, no âmago de nós mesmos, as mesmas necessidades fundamentais.

Mas talvez eu tivesse compreendido apenas a metade, já que, deixando o caminho inteiramente livre a minhas emoções, agi igualmente segundo a razão bem calculada. Assim, para agradecer-lhes a gentileza do passado e para facilitar a integração de todos ao seio do mundo moderno, eu trouxe de presente... uma máquina de “tirar a polpa” dos grãos de café. Eu via nesse gesto uma boa maneira de ajudá-los a melhor tirar proveito do mercado e a melhor explorar o sistema de produção capitalista que já tinha, aliás, um posto avançado no fundo do vale, graças à devoção dos missionários luteranos. Esses últimos acreditavam no paraíso terrestre!

Durante essa segunda – e última – estadia (eu não tive coragem de lá retornar depois), vi ao redor de mim a devastação do progresso – as camionetes abandonadas ao longo das estradas de montanha, a proliferação de lojinhas, de armazéns de secos e molhados, e as garrafas de vinho que começavam a ornar algumas prateleiras. Mas observei, sobretudo, o nascimento do ciclo infernal da “pay week” e da “rubbish week”, que traumatizava mais e mais os numerosos pequenos cargos do governo. Uma semana “com”, uma semana “sem”. Duas expressões banais que mal dissimulavam uma dor profunda. Um fim de semana em que todos os assalariados se embebedavam completamente, esvaziando os bolsos e os corações numa terrível bebedeira que transpunha tudo, para em seguida retornar pra casa e espancar selvagemmente mulheres e crianças, expressão última dessa terrível impotência recentemente assumida (ou imposta?). Outro fim de

semana, esses mesmos guerreiros sem armas e sem bússola voltavam tranquilamente pra casa, bolsos e despensa vazios, arrastando o coração.

Eu tinha, na mesma época, um outro amigo antropólogo, também ele postulante a doutorado. Entretanto Clive, no fim do seu “campo” obrigatório nas Altas Terras, não queria voltar à Austrália, tamanho o seu investimento na vida e nos costumes de “seu” povo. Esse povo não era mais o objeto de seus interesses, mas se tornara a trama de sua vida. Ele tinha assimilado aqueles valores, compartilhando freqüentemente a casa com homens e viajando com eles por vales e montanhas para participar dos grandes rituais. Ele havia abandonado seu caderno de anotações e suas notas de campo. O ato de observar havia se tornado estranho para ele. Clive havia contraído o que nós, ocidentais, chamamos de “loucura do sertão”.

Um dirigente da universidade teve de trazê-lo de volta à força – os dentes quebrados, as roupas rasgadas e a alma trêmula. Impuseram-lhe o retorno obrigatório à Civilização, com sua potência massacrante e seu desprezo profundo em relação a qualquer assimilação excessivamente grande ao outro. Clive havia transgredido o código acadêmico e o dever ocidental. Mesmo instalado na Austrália, ele não podia apagar a lembrança dessas pessoas que vibravam de outro modo, que possuíam uma tal riqueza e uma tal densidade social. Que contraste com a brilhante frivolidade dos “cocktail parties” e a inteligência abstrata e reducionista dos seminários universitários de Camberra!

Clive circulou durante certo tempo ao redor da universidade, com o intuito de fazer visitas regulamentares a seu orientador de tese. Mas ele escolheu viver no próprio coração de Sidney – em Kings Cross –, na turbulência ilegal dos centros das cidades, esses cadinhos violentos do Ocidente e os únicos lugares onde todas as diferenças são admitidas. E jamais ele foi capaz de *dizer* (ou, antes, de *escrever*) o que vivera. Jamais conseguiu violar, através das páginas desnaturadas de uma tese, os segredos de um povo destinado ao fracasso. Como punição, Clive, tal como Lyle, mas por razões profundamente diferentes, foi condenado ao ostracismo antropológico.

Ninguém mais pode transpor o limite e passar para o lado do outro. Porque o outro não tem simplesmente o direito de ser mais forte que o ocidental, de ser melhor, de ter afinal de contas o direito de existir enquanto realidade autônoma. E, mesmo no caso de se poder transpor esse limite, seria mais parecido com um câncer que se instala insidiosamente no seio de um corpo sadio, para invadi-lo e despojá-lo pouco a pouco de seu direito de viver de maneira diferente.

Trazendo de volta Clive à Austrália contra sua vontade, talvez se

tenha dado um sursis à sua família chimbu...

Durante muito tempo, idealizei os piratas das areias de um Pacífico desaparecido, esses primos distantes dos mestiços americanos. Desde a irrupção dos exploradores europeus na região, marinheiros abandonaram o barco para encontrar acolhida com os insulares. Eles o faziam amiúde de maneira bastante alegre como esses membros de equipe dos navegadores holandeses Lemaire et Schouten que, escolhendo ficar junto ao arquipélago do Tuamotu, simplesmente ordenaram, aos que partiam, saudar e dar adeus aos amigos e aos familiares de Amsterdã!

Mas esses “desligados” de um outro século foram raramente neutros. Raros são aqueles que conseguiram se transformar em homens “nus”, desvestindo-se voluntariamente do conjunto de sua bagagem cultural para se apropriar do outro e assimilar-se a ele totalmente. Marceneiros, armeiros e ferreiros foram particularmente cobiçados por nobres polinésios com sede de império e muitos dos nossos piratas míticos se reciclaram, virando assim verdadeiros mercenários, agentes provocadores trabalhando no maqui e preparando, consciente ou inconscientemente, o terreno para o Ocidente. Nós, pesquisadores e piratas de areia, somos todos parecidos; porque chegamos na qualidade de batedores de uma civilização que nunca dá trégua.

*

Essa digressão oceânica, longa e certas vezes incoerente – mas como ficar coerente quando nos encontramos no centro de um turbilhão planetário? – me conduz freqüentemente a refletir sobre o choque do século XX, choque do qual eu fui, querendo ou não, um dos obrigatórios figurantes.

Meus alunos na universidade do Pacífico Sul⁴ ignoravam tudo sobre Cristóvão Colombo e sua “descoberta” do Novo Mundo. Para eles, foi o Capitão Cook quem abriu a ferida, uma ferida escancarada que jamais cicatrizou. Em verdade, o primeiro europeu a ter avistado o Oceano Pacífico foi Vasco Nunez de Balboa. Terão a ele seguido quatro séculos de exploradores que, pouco a pouco, visitaram cada ilha desse universo imenso, mas com uma diferença que os distinguiu radicalmente dos viajantes austronésios que os haviam precedido – eles vinham do outro lado do mundo e eram os emissários das todo-poderosas Nações-Estados européias:

Eles [os primeiros habitantes] haviam-se tornado parte integrante de estratégias globais e nunca mais ficariam isolados ou livres para mapear o próprio destino. Deuses talvez tives-

⁴Onde lecionei de 1991 a 1994, e em cujo lugar e época escrevi estas linhas.

sem incitado montanhas ardentes a se elevar do fundo dos mares, e pescadores míticos talvez tivessem criado mais terras ainda, mas os marinheiros espanhóis, holandeses, britânicos e franceses, “com longas linhas farpadas, com o uso de um mapa, pegaram as terras até a Europa” (HOWE, 1984, p. 69).

Em outras palavras, Colombo não era mais que um começo, o começo de um drama cujo desfecho ainda não se conhece, exceto pelo fato de se dizer que nós evoluímos numa velocidade louca em direção a um único futuro: aquele do Ocidente, da ciência e das instituições de alto saber. Trata-se de um futuro que é armazenado em bibliotecas nacionais de um punhadinho de países. Trata-se de um futuro que é transmitido pelos textos e pelas salas de aula de um único sistema de ensino.

Esse futuro talvez não seja o bom. Ao meu redor, vejo línguas que morrem e culturas que se esfumam. Há setecentas línguas na Papua-Nova Guiné, uma centena em Vanuatu. Mas por quanto tempo ainda? Ao meu redor, em cada região, em cada atol, cada colina, vejo bibliotecas de Alexandria que se incendiam, mas ninguém para apagar o fogo, nem entre os vencedores, nem entre os vencidos. Por que uma desinteresse assim, pra não dizer escárnio, diante de uma seqüência de acontecimentos que arriscam dominar o planeta?

Claro, é fácil idolatrar o homem de antes da conquista do mundo. Há cinco séculos nós o celebramos, deixando-nos cegar e apanhar por nosso próprio discurso meloso.

Os “naturais” foram, sem a menor dúvida, tão cruéis e tão violentos como afirmam “os civilizados”. Mas seus recursos eram limitados, e a maioria deles não nutria sonhos de império. E mais importante ainda: essas pessoas eram orgulhosas e independentes, senhores de seu universo, tanto geográfico quanto temporal. Todos aqueles que conheci eram profundamente acolhedores e possuíam essa dignidade humana que será a primeira de todas e a mais importante das suas qualidades a ser arrancada pelo Ocidente.

Esse rapto espiritual se faz com uma facilidade tal, que merece um momento de reflexão. O Ocidente é incrivelmente sedutor. Menos pelos bens materiais que são propostos que por essa liberdade pessoal que é constantemente invocada na maneira de se consumir, de se vestir, de se exprimir e de se comportar.

Desde os anos sessenta nas Altas Terras da Papua-Nova Guiné, tenho visto jovens apaixonados por essa liberdade que oferece a possibilidade de romper todas as correntes que nos prendem à sociedade ao redor, à geografia e ao meio natural. Fui testemunha das razões profundas dessa busca pelos arunís. Conheci essa longa noite quando jovens, no limiar da vida adulta, caem numa loucura furiosa (*run amok*), quebrando tudo o que

têm à mão, agredindo fisicamente pais e amigos, ameaçando todos aqueles que cruzam pelo caminho, antes de se aniquilar numa incoerência e num esgotamento total para se integrar, alguns dias depois, à sociedade dos adultos. Talvez fosse o único momento, durante meus três anos de vivência nessa região, em que experimentei o fardo esmagador da tradição e o caráter profundamente hermético dos pequenos povos, e foi também o único instante em que tive medo. Tudo o que posso dizer é que eu teria feito exatamente a mesma coisa no lugar deles.

Os jovens são apaixonados pela liberdade até o dia em que percebem que as portas lhes estão fechadas, suas terras alienadas para sempre, e a natureza, profanada. Pegam então as armas, como em Bougainville, queimam as lojas, como em Numéia, e procuram reaver o lugar, como na ilha Oceano ou em Irian Jaya.

Aqueles e aquelas que freqüentam as salas de aula da universidade do Pacífico Sul podem se considerar privilegiados. Estão em vias de transpor o limite que os conduzirá ao campo dos vitoriosos nessa transformação do mundo. Eles serão os funcionários públicos, os políticos, os empresários e os representantes comerciais de amanhã. Vão ganhar em termos materiais. Exercerão um novo poder. Mas sinto-os trêmulos, vulneráveis e perplexos, todos esses jovens das Ilhas Salomão, do Vanuatu, da Samoa Ocidental, que atravessam o campus com os vestígios do passado e têm suas identidades inscritas no corpo e nos gestos: tatuagens nas coxas, um colar de nácar no pescoço e essa imponente maneira que têm de se sentar ao pé das árvores para falar de tudo e de nada; também há esse costume de caminhar de pé descalço assim que a ocasião o permite⁵. Eles cultivam ao redor de suas residências essas pequenas plantações de cana de açúcar, de *dalo*, de *kumala* e muitas outras espécies comestíveis tradicionais, e na área comum, fazem de tempos em tempos um *umu* coletivo.

Gosto desses estudantes, sobretudo os da Melanésia. Talvez porque a fisionomia e o olhar desses jovens me lembrem minha estadia na Nova Guiné. Os deuses ancestrais estão no fundo de seus olhos. A vontade dos pais nunca está distante, nem a aldeia, nem a economia de subsistência que deram forma, sentido e conteúdo à vida de criança deles. É também, sem dúvida, porque eles me dão sempre a impressão de querer, de poder exercer escolhas. Escolhas que lhes permitem navegar com mais facilidade entre o passado e o futuro – *seu próprio passado e um futuro que lhes é imposto*.

⁵Não posso me impedir de lembrar aqui o título magnífico da edição francesa da pequena coletânea de citações ameríndias reunidas por T. C. McLuhan: *Pieds nus sur la terre sacrée* [Pés descalços sobre a terra sagrada].

Eu sonho, talvez. Já durante os anos sessenta, corria nas Terras Altas o rumor de que os missionários tinham arrancado a última página da Bíblia. Aquela que fornecia a chave do poder e da riqueza material deles. Os engas não tinham, sem dúvida, errado. Pouco importa a miséria, a violência, a amargura e o desespero que tudo isso ia trazer à região trinta anos mais tarde:

Os organismos internacionais e os países doadores de ajuda à Papua-Nova Guiné (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, Comunidade Econômica Européia, Banco Asiático de Desenvolvimento, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Coreia do Sul, Alemanha) renderam homenagem aos resultados da economia papuásia (...), graças notadamente ao desenvolvimento de seu setor mineiro (...).

O ministro papuásio das finanças, Paul Pora, afirmou aos participantes dessa conferência (que teve lugar em Singapura) que os problemas de Bougainville, provocados por um “pequeno grupo de rebeldes”, não comprometeriam a política ou os projetos econômicos do país (*Les Nouvelles Calédoniennes*, 6 mai, 1992).

“Homenagem internacional à política econômica de Porto Moresby”. Eis o título desse pequeno artigo, aparentemente bastante banal, publicado no jornal cotidiano de Numéa. E, entretanto, Bougainville, Porgera (em plena região engá), Ok Todi, Lac Kutubu e tantas outras explorações representam cicatrizes indeléveis no coração de um país que, entretanto, nunca conheceu a Grande Depressão dos anos trinta e que vivia um estado “de abundância primitiva” até os anos setenta, segundo as palavras de alguns economistas australianos.

Bougainville, muito particularmente, está em estado de guerra há numerosos anos, e a maior parte da ilha está atualmente cortada do resto do mundo. A mina está fechada desde maio de 1989 e provavelmente jamais será reaberta. Era a maior e com certeza a mais aproveitável mina de cobre a céu aberto do mundo. Um buraco medindo um quilômetro de largura a partir do qual a companhia CRA tirou, em 1988 somente, cerca de 90 milhões de toneladas de rocha, para dela tirar aproximadamente 960 toneladas de cobre, ouro e prata, ou seja, 0,18% da massa inicial. O resto desapareceu para ser registrado nas perdas de direitos ancestrais e de terras cultiváveis, da poluição de rios e de uma miséria generalizada. Uma terra e um povo desesperados que estão agora condenados para um tempo infinito.

Bougainville representa uma revolta contra o Estado e a Empresa, ou seja, contra dois universos que têm isto em comum: eles ignoram o passado e hipotecam o futuro. E entre os dois, o povo – um povo que já pensou e agiu de outra forma – acha-se só e desprovido. Penso em todos

esses velhos que plantam ainda uma árvore para marcar o nascimento de uma criança, e penso na imagem dessas mulheres da ilha Oceano que se agarraram desesperadamente no tronco de seus coqueiros para impedir que eles fossem arrancados pelas patrôlas da companhia de fosfatos, que têm apenas o interesse de se apoderar da riqueza do subsolo e de empobrecer para sempre o frágil ecossistema insular.

*

O gesto e a palavra... Os gestos de autodefesa são viscerais e espontâneos. Pertencem ao próprio instante para logo se inscreverem na cronologia dos tempos, às vezes como pontos giratórios na história de um povo, às vezes para serem soterrados sob os escombros de civilizações anteriores. A palavra, ao contrário, permanece. É eterna. Transcende o tempo e o acontecimento e alcança assim descrever o estado de alma de um pedaço importante do planeta. Essa palavra é antes aquela dos poetas e dos chantres anônimos que dos políticos...

É uma palavra que evoca a ruptura em relação ao passado, à pobreza espiritual, à ruptura dos povos que não têm nem passado, nem futuro, e não são mais livres:

Nossos pais moldavam o vento e caminhavam sobre as vagas a fim de fazer com que viessem o Kula e as Mães dos Reis de Upolu,
magníficos trançados de Manu'a e de Étalons...

para as Filhas proibidas.
E Maui Kisikis não atravessou o horizonte com sua lança?
Ou o Exterminador de Vagas não fez escorregar as lajes de Ouvéa
para as covas aterradas dos Reis-Deuses?

Mas as Areias de Sopa não existem mais
garrafas de cerveja quebradas cobrem a Margem sagrada,
a quadra de tênis de Salt Lake City indica o jazigo
do gramado de Salote,
e a defunta nação de doadores,
maxilares temidos do oceano,
implora migalhas ao pé da Águia e do Leão.
Ontem Tangaloa fazia homens,
mas o Deus do Amor não produz mais que crianças.
(HAU'OFA, 1976, p. 23)

Ontem Tangaloa fazia homens, mas o Deus do Amor não produz mais que crianças...

Assim acontece em Tonga. Enquanto no Taiti confrades afirmam que são "um povo deposto", perguntando-se "como se fica pobre?", em outro lugar, no Havaí, uma nacionalista militante não pode se impedir de

esconder o que ela experimenta na casa de seu pai, à noite:

eu, eu luto
pela terra, mas
nosso sentimento é
de que não há esperança
somente ruídos
diminuindo
ao amanhecer

doravante, sua filha
veste sua velhice
como uma capa
tartarugas desaparecem
ao meio-dia, um sol devorador
varre a terra

essa noite, no túmulo
do sol, trarei
folhas de luau e sal

nós aguardaremos
o vento sombrio
de Ku'olau

depois colocaremos nossa piroga ao mar
com a lua
que se apaga. (TRASK, 1986, p. 32-35)

O que essas pessoas vivem no Pacífico hoje é talvez pouca coisa em relação ao que a América conheceu há cinco séculos. A opressão do século XX é suave, afirmam alguns. Creio antes que ela é dissimulada porque ela trabalha do interior, se apropriando progressivamente do coração, da alma, do espírito, do saber e da sensatez das pessoas das ilhas. A igreja cristã tem feito bem sua obra. A escola ocidental também:

Eu tinha seis anos quando
Mamãe por descuido
me enviou à escola
sozinho
cinco dias por semana

Um dia eu fui seqüestrado por um punhado
de filósofos ocidentais
fui detido
numa sala de aula
protegida por Churchill e Garibaldi
alfinetados numa parede
e também por Hitler e Mao
numa outra parede
dando suas ordens
Guevara brandia uma revolução
com sua "Arte da Guerrilha"
em direção ao meu cérebro

Cada trimestre
eles enviavam ameaças
para Mamãe e para Papai

Mamãe e Papai amavam
seu filho e pagavam o resgate: as mensalidades escolares
cada vez
Mamãe e Papai ficaram
mais e mais pobres
e meus seqüestradores
mais e mais ricos
Eu me tornei mais e mais branco

Na minha liberação
quinze anos mais tarde
me passaram
(em meio aos estrondosos aplausos
de meus amigos de infortúnio)
um pedaço de papel
para pôr na parede
certificando minha liberação. (PETAIA, 1983, p. 26-27)

Deste lado do Grande Oceano, a cólera é tão forte quanto na
América, e a memória e o apelo do passado, mais vivos e mais exigentes
ainda:

Durante dez bons anos eu
pensei
escutei
raciocinei

Estou sempre pensando
escutando
raciocinando
e rabiscando...

Mas logo virá o tempo
em que não pensarei mais
não escutarei mais
não rabiscarei mais
não raciocinarei mais.

Logo serei
um homem do sertão
nas Altas Terras. (KORAU, p. 21)

Um homem do sertão! O que podem então propor como caminho
para o futuro os simples *bush canacas*? Um amigo geógrafo, Joel, viu e
viveu a resposta. Mais ou menos como Clive. A diferença é que ele, voltan-
do, conseguiu transmitir sua mensagem.

Joel passou duas décadas na Melanésia, sobretudo em Vanuatu.
Foram as estadias entre as pessoas da ilha de Tanna que mais lhe marcaram
a trajetória:

“Pobres face ao mundo exterior, eles se esforçam para permanecerem generosos entre si.”

Mas não é tudo: as pessoas de Tanna se afirmam os mestres do poder sagrado do “Costume” e um povo de “senhores”. Povo eleito, numa ilha mágica cujo território é encantado. O formidável orgulho das pessoas de Tanna se percebe na palavra e na longa memória da ilha cuidadosamente mantida por todo um complexo de cantos, danças, metáforas e mitos. (BONNEMAISON, 1986, p. 158).

De tanto

viver com as pessoas, compartilhar seu cotidiano, caminhar por horas sobre suas trilhas, beber a cada noite o *kava*, essa planta euforizante cujas raízes mascadas levam a mergulhar na embriaguez, reconhecer cada um e viver essa sociedade calorosa como se fosse um de seus membros, (BONNEMAISON, 1986, p. 11)

Joel descobriu o que ele chama de convivência:

Levei até o fim a convivência; eu chegava então pouco a pouco a um estado em que avaliar, contar, investigar, fazer perguntas, tudo isso me parecia cada vez mais insignificante e me deixa, até mesmo, pouco à vontade. (BONNEMAISON, 1986, p. 12)

Foi assim que as pessoas de Tanna lhe entregaram progressivamente seus segredos, ou seja, o modo como viviam naquela terra, a visão que tinham sobre eles mesmos e sobre os Outros... e também o porquê de se negarem a seguir “a estrada dos brancos”. Joel se esforçou para compreender o universo do Costume, que se opunha àquele da Escola: *Kastom* em relação a *Skul*, Tradição em relação à Modernidade... E Nação em relação a Estado.

Ele aprendeu o verdadeiro sentido do termo enraizamento, evocado pela palavra árvore, e a necessária abertura à viagem, representada pela piroga:

Dessas terras gretadas, fora de época, num espaço raro, eles fizeram um destino. O território deles tornou-se então o único verdadeiro valor. A verdade das ilhas melanésias mergulha na terra e em direção às entranhas subterrâneas do mundo. A árvore é a metáfora do homem; ela se lança ao infinito do céu apenas porque caminha na terra. É o homem que se mantém em seu lugar se enraíza com ela no universo das profundezas. A terra é um ventre cujos filhos são os homens. O espaço é um mar, um valor “flutuante”, sem profundidade, sem duração, irrisório no fundo. Somente conta para o homem a qualidade de suas raízes; tantas fundações no espaço, quanto pontos fixos na movimentação das ondas. Mas se o homem é um lugar, individual e autônomo, a sociedade é um trajeto, uma rede que se descobre e se estrutura por suas rotas. (BONNEMAISON, 1986, p. 380)

Ele se deixou impregnar por suas crenças profundas:

Um feiticeiro do interior do sertão, mestre da magia das bananas, dizia-me um dia, com um grande sorriso: ‘você, os brancos, crêem ser os melhores, possuem grandes poderes, mas são pequenos ao lado dos negros...’ E como eu lhe perguntasse por quê, ele me respondeu: ‘nós temos as pedras (...). Sem elas, nem as árvores, nem as plantas cresceriam; a vida extinguiria’. O que pode representar o poder de um avião ao lado do poder que faz nascer e crescer uma árvore? Qual o peso das forças mecânicas ao lado das forças da vida? Os feiticeiros de Tanna possuem os segredos na natureza mágica e há muito deixaram de ficar maravilhados com o poder dos brancos. (BONNEMAISON, 1986, p. 194)

Tantas revelações levaram Joel não somente a amar, mas, sobretudo, a respeitar as pessoas de Tanna. Tenho certeza disso, ainda que ele não venha a admitir.

Cinco anos após sua partida – que coincidia com o nascimento, no fogo e no sangue, do novo Estado de Vanuatu –, Joel voltou para sua ilha, um pouco como eu, que voltei para minhas montanhas. Ele encontrou lá pessoas silenciosas, tristes e principalmente desamparadas, que tinham vivido um grande fracasso: o aborto do projeto de nascimento de uma grande nação consuetudinária.

As pessoas dos grupos consuetudinários que tinham sido a ponta de lança da revolta se calaram, constrangidas por me rever, constrangidas sobretudo por terem sido vencidas. No povoado para onde voltei, as pessoas se sentiram obrigadas a avisar os representantes do governo sobre minha presença. Compreendi, falando com eles, que preferiam esquecer os acontecimentos da revolta. O Costume, como me disseram, continuava no coração, mas a palavra parecia hesitar em seus lábios. (BONNEMAISON, 1986, p. 384)

Ora, eis o que é patético, eles viveram esse fracasso não por causa dos brancos, mas por causa de seus irmãos não-vanuatuenses, ajudados por militares neoguineses, envolvidos na construção de um Estado moderno à própria imagem do Ocidente. As pessoas do outro lado se tornaram os seus...

Jean Marie Tjibaou, grande líder político e espiritual canaca da Nova Caledônia, foi morto por um dos seus, porque ele procurava justamente navegar entre o passado e o futuro, experimentando fazer com que convergissem os dois espaços-tempos a fim de construir, sobre bases mais justas, o destino de seu povo. Povo que, para ele, assemelhava-se aos grandes pinheiros colunares com raízes bem ancoradas no solo da Nova Caledônia e cumes distantes indo furar o céu, símbolo majestoso da estada tranqüila e da longa permanência em terra melanésia.

Jean-Marie, que recusava ter havido “ruptura entre ontem e hoje”.

Jean-Marie, que anunciava: “homens brancos, é a vocês que falo, já que foi entre suas mãos que se partiu nosso passado, como uma concha que se esmaga”. Jean-Marie, que queria tanto tirar seu povo do anonimato e extirpá-lo das margens de uma história e de uma geografia tão habilmente impostas por Cook e os seus. Jean-Marie, que esperava, além de tudo, que as águas se acalmassem ao redor [deles] para permitir que o [seu] povo recebesse os brancos como irmãos convidados. Enfim, Jean-Marie, que falava de partilha, de diálogo e de fraternidade, sempre vendo o futuro com uma lucidez perturbadora:

Estamos bem situados na Melanésia para admitir que se caminha para uma bancarrota mundial. O Ocidente é como uma máquina maluca, estão freando com os próprios pés (...)
Não queremos voltar atrás, queremos achar uma nova direção (...)

É necessário reconsiderar a própria organização da vida, apesar de a única alternativa proposta pelo Ocidente ser a industrialização. (CHESNEAUX, 1987, p. 187)

Ele queria, nas palavras de Aimé Césaire, ser responsável:

Responsável pelo futuro. Responsável pelo presente e pelo devir. Responsável pela vida a conservar, a fortalecer, a transmitir... (CÉSAIRE, 1990)

Que situação trágica! Após mais de cinco séculos de inferno na América, nós estamos querendo salvar ainda os resquícios, proteger alguns sobreviventes das civilizações pré-colombianas, criando, sob o olhar benevolente do Ocidente, reservas ainda maiores e mais seguras. Dessa forma, será possível proteger melhor do Grande Inverno os ianomâmis e os outros “últimos selvagens”. E, falhando em protegê-los, poderá se conservar seus cromossomos em proveta para imortalizar suas células e estudá-las ao gosto do Ocidente nos salões de ciência.

Ora, os povos do Pacífico querem viver no presente e trabalhar para a construção de um futuro compartilhado, “sem cair no universal ou (...) esquecer o fato (de que eles são) os habitantes de alguma parte do Planeta Terra”. (BENSA, 1990, p. 179)

É exatamente a mensagem que Déwé Gorodoy nos sopra ao ouvido:

A água do creek suspirava no seu primeiro encontro
A água murmurava as palavras de amor que navegarão muito longe
A velha tão inquieta pela sua ausência chamou
O melro lhe respondeu
Viveste, e o tempo passou
O bútio acrescentou
Não chames o vento que te arrebatará
A gaiivota aconselhou
Não fales à chuva que te afogará
E a pomba rola concluiu

Não retenhas no casebre os que habitam o mundo (GORODOY, 1990, p. 47)

É igualmente o sentido profundo do título dos versos de Epeli Hau'ofa, “Sangue no Tanoa” que encabeçam esse texto.

Claro, muito sangue correu desde a irrupção do Ocidente no Grande Oceano. Mas o sangue que corre no Tanoa, essa grande bacia evasê de madeira polida sustentada por quatro pés, que serve para a preparação e distribuição cerimonial do *kava*, é igualmente aquela dos ancestrais. Assim, as raízes de *Piper methysticum*, de onde a bebida é extraída, são inicialmente mascadas por jovens e em seguida cuspidas na tigela, misturadas com o sangue da boca. Esta prática, ao mesmo tempo evocando a filiação através das gerações, facilita o processo de fermentação do *kava*:

O *kava* cresceu, meu irmão,
bebe este cálice da alma e do suor do nosso povo
e me dá três outros cogumelos que brotaram em Mururoa
sobre o esterco das vacas trazidas pelo capitão Cook
em nome dos reis da Inglaterra e da França! (BLOOD IN THE
KAVA BOWL, *Mana Review*, 1976, p. 21-22)

*

Admiti, no começo dessa reflexão, que eu queria desde sempre passar para o outro lado, mas esse outro lado não existe mais. Restam apenas alguns gloriosos povoados aqui e ali, no planeta, cujas raízes estão encharcadas desse Alhures. Tudo o que se pode esperar de agora em diante é que sejam reconhecidos e ouvidos, a fim de se conceber o futuro de outra forma e para todos. Se fosse decidido fazê-lo, eu poderia anunciar hoje que não somente a viagem terminou, mas o tempo das rupturas também.

BIBLIOGRAFIA

BASSETS, Lluis. “La cavalcade du progrès”. In: *Leonardo: l'ère des découvertes*, supplément au *Monde*, avril 1992.

BENSA, A. *Nouvelle-Calédonie: un paradis dans la tourmente*. Paris, Gallimard, 1990.

BLOOD IN THE KAVA BOWL, *Mana Review*, 1976.

BONNEMAISON, Joël. *La Dernière Île*. Paris, Arléa/ORSTOM, 1986.

CHESNEAUX, Jean. *Transpacifiques*. Paris, La Découverte, 1987.

GALLO, Max. «1492-1992: l'histoire par le glaive». *Le Monde*

- diplomatique*, avril 1992.
- GORODOY, Dédé. "Ne retiens pas dans la case", *Flamboyant imaginaire*, n. 1/2, 1990.
- HAU'OFA, Epeli. "Our fathers bent the winds". *Mana Review*, v. 1, n. 2, 1976.
- HOWE, K.R.. *Where the Waves Fall*. Honolulu, University of Hawaii Press, 1984.
- KATTAN, Naïm. *Le Devoir*, 28 octobre 1972.
- KEROUAC, Jack. *On the road*. New York, Viking Press, 1957.
- KORAUUA, Baoro. "Dix bonnes années". In: *Poètes du Pacifique en colère*.
Les Nouvelles Calédoniennes, 6 mai, 1992.
- LUANA, Caspar. «Buka! A Retrospect», *New Guinea*, v. 1, n. 4, 1969.
- PETAIA, Ruperake. "Kidnappé". In: *Poètes du Pacifique en colère*.
Port-Vila, Société des arts créatifs du Pacifique Sud et Centre annexe de l'Université du Pacifique Sud, 1983.
- TRASK, Haunani-Kay. Extrait du poème "Makua Kana". *Hawaii Review*, n. 20, 1986.